



PALERMO
UNIVERSITY
PRESS

FLORIANA DI GESÙ
(eds.)

LA GRANDE GUERRA NELLA STAMPA MONDIALE

Memoria&Identità
Cultural&Linguistic Heritage



Memoria&Identità
Cultural&Linguistic Heritage

Floriana Di Gesù
(eds.)

LA GRANDE GUERRA NELLA
STAMPA MONDIALE



PALERMO
UNIVERSITY
PRESS

Memoria&Identità
Cultural&Linguistic Heritage - 6
ISSN: 2532–5272

La Grande Guerra nella stampa mondiale
Floriana Di Gesù

Direttori: Floriana Di Gesù, Assunta Polizzi,
Carla Prestigiacomio

Comitato Scientifico: Mechthild Albert, Mostafa Ammadi, En-
ric Bou, Maria Vittoria Calvi, Anna De Fina, Isabel Duarte,
Arianna Di Bella, Catalina Fuentes Rodríguez, Ángel García
Galiano, Augusto Guarino, Christopher Hart, Elena Lamberti,
Ángel López García, María Matesanz del Barrio, Francisco
Moreno-Fernández, Domenica Perrone, Carmen Riera, Cinzia
Spinzi, Dolores Thion Soriano-Mollá.

ISBN (a stampa): 978-88-5509-109-1
ISBN (online): 978-88-5509-110-7

Questo volume è stato pubblicato con il contributo dell'Ateneo
e del Dip.to di Scienze umanistiche di Palermo

Le opere pubblicate sono sottoposte a processo di peer–review
a doppio cieco.

© Copyright 2020 New Digital Frontiers srl
Viale delle Scienze, Edificio 16 (c/o ARCA)
90128 Palermo
www.newdigitalfrontiers.com

Indice

Introduzione FLORIANA DI GESÙ	7
Escritos de guerra. Narrar a guerra na 1ª Pessoa MARIA ALDINA MARQUES	15
Fumetti e caricatura nella rivista <i>Miau!</i> - Contributo dell'umorismo alla costruzione dell'opinione pubblica portoghese sulla Grande Guerra ISABEL MARGARIDA DUARTE	33
La cara oculta de la prensa y la traducción en Marruecos durante la Primera Guerra Mundial MOSTAFA AMMADI Y HASSAN HERNANE	51
La Primera Guerra Mundial a través de la prensa arabófo- na de la zona internacional de Tánger: periódico <i>Es-Saada</i> (1904-1956) como modelo HIND BEN MAHJOUR	73
Entre tropas y cabilas: diario de un soldado en la guerra del Kert MARÍA ÁNGELES GARCÍA COLLADO	93
En la España neutral: la organización de la propaganda del <i>Foreing Office</i> y Luis Araquistain DOLORES THION SORIANO-MOLLÁ	117

Escritos de guerra. Narrar a guerra na 1ª Pessoa

MARIA ALDINA MARQUES

Resumo: Os inícios do século XX são tempos conturbados para Portugal. No que concerne ao contexto político, a instauração do regime republicano em 5 de outubro de 1910 foi seguida de um período de instabilidade política, agravada pela instabilidade internacional e pelo início da 1ª Guerra Mundial em 1914. Após complexas negociações, e alguns golpes de teatro, Portugal entra na guerra ao lado dos aliados em 1917 e envia cerca de 55 mil soldados para França.

O contexto social reflete as tensões políticas, dividido em duas posições antagónicas de contestação e de apoio à participação de Portugal no conflito.

A imprensa vai desempenhar um papel fundamental, a nível nacional e a nível internacional, no apoio aos interesses oficiais portugueses e à difusão de uma visão amenizada da guerra.

A fim de explorar os modos de discursivização deste conflito mundial, pretende-se analisar os escritos de guerra, publicados na revista *Portugal na Guerra*, com destaque para o modo como é construído o relato da guerra, na 1ª pessoa, nestas três dimensões: o eu e o(s) Outro(s), o espaço e o tempo da guerra e a guerra como objeto de discurso.

Palavras-chave: Portugal na 1ª Guerra mundial, escritos de guerra, subjetividade, *ethos*, trivialização da guerra, propaganda.

Abstract: The beginnings of the twentieth century are troubled times for Portugal. Concerning the political context, the republican regime, which was introduced in 5th October 1910, was followed by a period of political instability, aggravated by international instability and the

Maria Aldina Marques

beginning of World War I in 1914. After complex negotiations, and a few theater hits, Portugal enters the War alongside the allies in 1917 and sends about 55,000 troops to France.

The social context reflects the political tensions, divided in two antagonistic positions of contestation and support of the entrance of Portugal in the war.

The press will play a key role, both nationally and internationally, in support of Portuguese official interests and of the diffusion of an enlightened view of the war.

In order to explore the forms of textualization of this world conflict, I intend to analyze the writings of war, published in the magazine *Portugal na Guerra*, with emphasis on the way the war report is constructed in the first person, in three dimensions: the self and the Other (s); the space and time of war and the war as object of discourse.

Keywords: Portugal in the 1st World War, writings of war, subjectivity, *ethos*, trivialization of war, propaganda.

1. Portugal na 1ª Guerra Mundial

Os inícios do século XX são tempos conturbados para Portugal. No que concerne ao contexto político, a instauração do regime republicano em 5 de outubro de 1910 foi seguida de um período de instabilidade política, agravada pela instabilidade internacional e pelo início da 1ª Guerra Mundial em 1914. Após a declaração de guerra da Alemanha a Portugal (março de 1916) e complexas negociações, Portugal entra na Guerra ao lado dos aliados em 1917 e envia cerca de 55 mil soldados para França, o CEP – corpo expedicionário português -, que fica aquartelado na Flandres (Marques: 2008; Moura: 2010, Cruz: 2014).

O contexto social reflete as tensões políticas, dividido em duas posições de apoio e de contestação à entrada de Portugal na guerra, denominadas intervencionistas e anti-intervencionistas ou guerristas e anti-guerristas.

O desconhecimento da complexa realidade internacional faz com que, para muitos, a guerra se profile como uma aventura de contornos heroicos.

O texto, abaixo apresentado, da autoria de Académicos portugueses,¹ é exemplificativo deste espírito aventureiro, e inconsciente da gravidade do conflito armado, a que a imprensa alinhada ao governo dá destaque:

Ao Povo Portuguez

Novos, girando-nos nas veias um sangue com ardência heroica que sempre caracterizou os nossos antepassados do velho e glorioso PORTUGAL, não poderíamos assistir indiferentes à Guerra que se debate com a nossa nobre irmã, a REPUBLICA FRANCEZA.

Desejamos partir, para nos alistarmos na Cruz Vermelha, e como não possuímos meios para nos transpormos até lá, fiamo-nos na generosidade de V. Ex.^a, auxiliando-nos com qualquer donativo para assim atravessarmos as dificuldades da nossa aventura.

Efetivamente, a imprensa vai desempenhar um papel fundamental, a nível nacional e internacional, no apoio aos interesses oficiais portugueses (Novais: 2013). A revista *Portugal na Guerra* faz parte deste movimento de apoio ao Governo e à participação de Portugal, pela primeira vez, num conflito internacional.

A fim de explorar os modos de discursivização deste conflito mundial, analisamos os escritos de guerra, publicados na revista *Portugal na Guerra*, ou seja, os modos como o locutor encena a guerra, neste contexto social e político particular.

Especificamente, este trabalho visa determinar o modo como nesses escritos é construído o relato da guerra, na 1ª pessoa, tendo em conta três dimensões da construção discursiva, o eu e o(s) outro(s), o espaço e o tempo da guerra e a guerra como objeto de discurso.

No quadro de uma análise dos discursos (Hailon: 2012, Rabatel: 2013, Marques: 2015), tomamos como pressuposto de base que estes são práticas sociais de natureza linguística, para analisarmos a sua organização enunciativa, isto é, a construção discursiva dos interlocutores e do tempo-espaço que definem a situação comunicativa e condicionam a construção da referenciação discursiva (Adam: 2012,

¹ É um bilhete postal, de 1914, disponível em <http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=09022.002.089>

Maria Aldina Marques

Benveniste: 1966 e 1974, Hailon: 2012, Kerbrat-Orecchioni: 1980, Koch, Morato, & Bentes: 2015, Maingueneau: 1998, Marques: 2015, Moirand: 2004, Mondada & Dubois: 2003, Rabatel: 2013).

2. A revista *Portugal na Guerra*. Constituição do corpus de análise

Portugal na Guerra apresentava-se como uma revista quinzenal, mas a sua publicação foi muito irregular e breve, com apenas 7 números, publicados em 1 de junho de 1917; 15 de junho de 1917; 15 de setembro de 1917; 1 de outubro de 1917; outubro de 1917 (s/d); novembro de 1917 (s/d); dezembro de 1917 (s/d). Foi suspensa em dezembro de 1917, pelo governo português (saído do golpe de estado). A revista não está organizada por secções temáticas ou por géneros textuais. O resultado é, aliás, um pouco caótico, parecendo depender sobretudo dos materiais disponíveis para cada edição. Une-as um claro ambiente apologético de Portugal e dos seus aliados.

Quanto aos seus conteúdos, sem pretensões de exaustão, destacam-se três vertentes.² A primeira centra-se nos cenários de guerra, nomeadamente a Flandres, com destaque para as reportagens fotográficas e os escritos de guerra. De Paris, onde a revista é editada, vêm também, com regularidade, crónicas de portugueses, intituladas *Bilhetes de Paris*, e outras informações sobre a vida cultural parisiense. Finalmente, os artigos sobre personalidades políticas portuguesas e estrangeiras em atividades ligadas à guerra constituem a terceira

² Novais (2013: 238) faz a seguinte síntese dos 7 números da revista: “Do primeiro ao último número, está reflectido, nas páginas de *Portugal na Guerra*, meio ano de guerra nas trincheiras da Flandres, retratos das personalidades aliadas amigas de Portugal, presidentes, monarcas, primeiros-ministros e principais ministros, nomeadamente da Guerra e dos Negócios Estrangeiros, dos países aliados, os representantes de Portugal em Londres e Paris, as visitas das personalidades republicanas portuguesas à França, nomeadamente o Presidente da República Bernardino Machado e o presidente do governo Afonso Costa, sendo estas amplamente retratadas em páginas sucessivas, elogiosas, através de muitas dezenas de fotografias de Arnaldo Garcez, e, finalmente, o *Diário da Campanha do Capitão X* por vezes substituído por outra rubrica denominada *Migalhas da Guerra*.”

vertente a assinalar. Estes bastidores da guerra são abundantemente ilustrados por fotografias.³

Para a constituição do *corpus*, considerámos os 7 volumes da revista, selecionando os textos de um colaborador da revista, o Capitão X, e que denominámos “escritos de guerra”. Esta é uma categoria ampla, que engloba diferentes géneros discursivos, desde os diários de campanha a cartas ou outras formas de correspondência, publicados (ou não) nos *media*, e que relatam a guerra sempre vivida na 1ª pessoa.

Os escritos de guerra do Capitão X foram publicados sob 3 títulos diferentes, nos primeiros seis números da revista, dado que o autor já não colaborou no último:

- *Diário da Campanha do Capitão X, Portugal na Guerra*, nº 1, pp. 10, 11 e 14.
- *Diário da Campanha do Capitão X, Portugal na Guerra*, nº 2, p. 10.
- *Os Portuguezes na guerra, Portugal na Guerra*, nº3, pp. 6 e 7.
- *Migalhas da Guerra – Madame Letailleur, Portugal na Guerra*, nº4, p.6.
- *Migalhas da Guerra – Nossa senhora das Trinchas, Portugal na Guerra*, nº5, p.7.
- *Estaminets, Portugal na Guerra*, nº6, p.10.

Para a análise, consideramos apenas os dois primeiros números da revista e os dois textos intitulados *Diário da Campanha do Capitão X*, por constituírem uma unidade temática, ao relatarem o dia a dia do locutor na frente de guerra.

2.1. A função ideológica da revista *Portugal na Guerra*

O primeiro número de *Portugal na Guerra* desenvolve, no respetivo editorial, os propósitos que presidiram à criação da revista.⁴ Em formas mais ou menos explícitas, é possível determinar aí quatro grandes objetivos:

- a) dar visibilidade às políticas governamentais:

³ Sobre a importância das imagens na construção da opinião pública da época, ver Lima & Sousa (2015).

⁴ *Portugal na Guerra* foi editada em Paris – 3, Rue de Villejust -, com financiamento do governo português, e tendo como diretor Augusto Pina. Segundo informações veiculadas na revista, era distribuída em França, Portugal e Brasil.

Maria Aldina Marques

[O Dr. Bernardino Machado,] Chefe do Governo em 1914, apresenta ao Parlamento a declaração de 7 de Agosto que definiu a nossa attitude ao lado da nossa aliada...

Portugal na Guerra, nº1, p.1

b) justificar a participação numa guerra além-fronteiras:

...pela primeira vez e no decurso da sua longa historia, Portugal sae do ambito da sua scena política para a vastidão da scena política universal e apparece como nação armada, ao lado das mais poderosas nações do mundo, defendendo uma causa que já não é exclusivamente sua, mas de todos.

Portugal na Guerra, nº1, p.2

c) ser um documento histórico:

...publicação destinada a documentar a intervenção militar dos Portuguezes na maior conflagração de que ha memoria na historia da humanidade.

Portugal na Guerra, nº1, p. 6

d) ser uma revista de propaganda institucional, cujo objetivo é fazer a apologia de Portugal. Pretende-se construir e reforçar um ambiente heroico em torno da guerra:

[a revista] destinada tambem, se isso fôr possível, a manter elevado o espirito nacional, pelo exemplo glorioso dos seus.

Portugal na Guerra, nº1, p.2

D'estes dois factos, igualmente grandes - a entrada de Portugal na colligação e a sua cooperação militar nos campos de batalha da Europa, - devem resultar para o futuro da nação consequencias incalculaveis. Já hoje, a personalidade do povo portuguez se afirma em todo o mundo. (...). O velho Portugal renasce senão para a gloria de novas conquistas, para as recompensas da consideração que se deve aos povos vigorosos. O dia d'hoje é cheio de promessas; o d'amanhã cheio de esperanças. Depois dos grandes dias do passado, este é o mais bello momento da nossa historia!

Portugal na Guerra, nº1, p.2

Estes objetivos definem a revista como um importante instrumento de propaganda do governo e da facção intervencionista, apologista da participação de Portugal na guerra.

3. *Diário da Campanha do Capitão X*: a normalidade na guerra

O diário de campanha era um género comum, à época. No caso em análise, *é um testemunho de guerra*, da guerra nas trincheiras, em registo diário, amenizado, edulcorado mesmo. Esta característica torna-se ainda mais saliente, se se confronta esta representação com a perceção da crueza do conflito no diário de campanha do General Tamagnini, que comandou o CEP.⁵

Como é característico do género, o locutor do *Diário da campanha do Capitão X* assume-se explicitamente como ancoragem da situação de comunicação e da construção discursiva, um Eu que se dirige a um Tu para falar do Aqui e Agora, no quotidiano da guerra. Esta encenação sobrepõe-se à efetiva comunicação em diferido da Flandres para Portugal. Mais ainda, simula a verbalização imediata do que o locutor ouve, vê e sente:

Esta sinêta? E' o signal dos gazes asphyxiantes.
Portugal na Guerra, nº2, p.10

Neste cenário de guerra, são atores privilegiados o locutor e os «outros», isto é, os portugueses, os ingleses, e o inimigo, com os quais estabelece diferentes relações de empatia.

Como espectadores da guerra, ou atores num outro plano, estão os civis, a população local, francesa, reforçando a construção de um ambiente de normalidade na guerra. É que, deles, o locutor apenas dá conta de rotinas de paz:

⁵ Comandou o CEP entre 21 de Fevereiro de 1917 e 24 de Agosto de 1918. Para além das reflexões sobre a guerra, o seu diário evidencia uma relação tensa com o poder político português.

Maria Aldina Marques

Veem-se estalar as granadas perto e, á luz poente, nos campos e sob a metralha, continuam a sua faina agrícola os habitantes que ainda permanecem n'esta região. Um grande cavallo preto arrasta um arado sobre o qual se senta, tranquilamente cachimbando, um velho de cabellos brancos.

Portugal na Guerra, nº1, p.10

Neste excerto, onde seria expectável a apresentação, em contraste, da guerra e das fainas agrícolas, o locutor escolhe o conector aditivo 'e', ligando granadas e faina agrícola. Desta associação resulta a desvalorização da crueldade da guerra face aos comportamentos inalterados dos tempos de paz. Os efeitos nefastos da guerra, nas granadas que caem perto, são suplantados pela imagem do velho de cabelos brancos que permanece na sua tarefa, 'tranquilamente cachimbando'. A insistência nas rotinas de paz em tempo e espaço de guerra é uma estratégia, repetida pelo locutor, de relativização da crueza do conflito. A modalização apreciativa é essencial para a criação deste efeito, que se repete noutros momentos, com mecanismos linguísticos diversos. O locutor insiste nos gestos do quotidiano, desde as refeições, à ocupação dos tempos livres ou aos rituais de higiene:

...soldados ingleses fazem a barba e nós oficiaes procedemos á nossa *toilette*. Nunca, nem mesmo nas trincheiras, um subdito de Sua Magestade britânica deixaria de se barbear todos os dias."

Portugal na Guerra, nº1, p.11

3.1. *A construção do locutor no discurso. Estatuto social e discursivo*

O autor deste diário identifica-se como Capitão X. Pese embora um primeiro efeito de ficcionalidade criado por esta designação-mistério, o recurso à mesma estratégia para identificar outros atores e lugares da guerra inverte esse efeito e torna-o uma marca de autenticidade, imposição decorrente de uma situação de perigo que obriga ao secretismo, como medida de proteção:⁶

⁶ Na verdade, é um artifício. É um escritor português, André Brun, como se refere na revista nº4, p.6: « André Brun, que acaba de passar alguns dias de licença em Paris, na mellor disposição de saúde e de espirito, depois de 4 mezes de trincheiras, onde comanda um batalhão, cedeu-nos gentilmente algumas paginas do seu proximo livro " Migalhas da

É o captain G ... de um regimento que usa o nome de duas bellas cidades inglezas. (...). N'um canto da caverna está dobrado em varias partes para poder caber o alferes R.

Portugal na Guerra, nº1, p. 10

De facto, a construção do locutor e da credibilidade do seu discurso assenta no seu estatuto social. É a credibilidade de um capitão do exército português, comandante de uma companhia aquartelada na Flandres. No discurso, a alternância entre 1ª p/s (Eu) e 1ªp/pl (Nós) decorre desse estatuto:

Pelo meio dia a brigada ingleza a que a minha companhia está adida communica-me que devemos estar formados ao cahir da tarde sobre a estrada e em pequenos grupos para seguirmos para as trincheiras.

Portugal na Guerra, nº1, p. 10

A relação que o locutor estabelece com os soldados é, por isso, assimétrica, hierarquizada, mas protetora. No discurso, eles são referidos e recategorizados como “a minha gente”; “os meus portugueses”; “os meus rapazes”; “os meus homens”, “os meus soldados”:

Começo a dividir e a ordenar a minha gente. Continua o fogo de barragem allemão. A noite vae cahindo e aproxima-se a hora.

Portugal na Guerra, nº1, p.10

Os meus homens lá estão e aos que não cabe a vigilancia, esses dormem tranquilamente ao lado dos seus camaradas.

Portugal na Guerra, nº1, p. 11

3.2. O Eu e os Outros: imagens de cavalheiros e heróis

Nesta comunidade alargada, as relações pessoais são permeadas pelos papéis sociais e comunicativos atribuídos e assumidos por cada um.

Guerra “ (...) Os nossos leitores que certamente o reconheceram no Capitão X dos numeros anteriores, terão sem duvida um grande prazer em voltar a encontrar, sob as linhas que seguem, a forma dum dos autores mais lidos e mais queridos de Portugal.»

Maria Aldina Marques

Assim, as relações pessoais que o locutor estabelece com os seus pares, oficiais do exército, são marcadas pela deferência, que é bidirecional, mas também pela proximidade, descontraída e elegante. Mesmo em momentos de ataque inimigo, prevalece um *savoir-faire*, que é sobretudo um saber-ser (ser *gentleman*, neste caso). O exemplo seguinte é paradigmático:

Regressamos, o capitain G. e eu, ao nosso abrigo e já é hora de nova refeição. Continúo com um apetite admiravel. Um sargento informa-nos de que não ha novidade. (...). Faz calor e o captain senta-se à chineza sobre a cama e começa a escrever uma carta á que ha-de ser Mme G., peut-être, apres la guerre ... Tiro do meu sacco La philosoplhie de Georges Courteline e leio algumas saborosas paginas.

Portugal na Guerra, nº1, p.11

É na relação com os seus pares, os oficiais do exército, que o *ethos* do locutor é mostrado. Superior aos efeitos da guerra, ao stress, ao pânico, ao medo da morte, é sempre a referência à normalidade do quotidiano que permite tais inferências: “Continúo com um apetite admirável” ou “Tiro do meu sacco La philosoplhie de Georges Courteline e leio algumas saborosas paginas”.⁷

A par da elegância cavalheiresca dos oficiais, a referida “fidalga gentileza”, sobressai a heroicidade de todos os intervenientes. Desde logo o locutor e o seu companheiro de armas inglês. À impassibilidade britânica, no apontamento dos estereótipos das mãos nos bolsos e o cachimbo na boca, junta-se a impulsividade lusa de não recusar nenhum desafio:

O capitão segue de mãos nos bolsos e cachimbo na bocca. A certa altura pergunta-me se quero sahir da trincheira e ir fora do parapeito a um posto de observação collocado n’umas ruínas. Respondo-lhe que irei onde êle fôr.

Portugal na Guerra, nº1, p.11

⁷ O perigo é o lado escondido deste cenário, apenas referido para fazer sobressair a heroicidade generalizada: «Vejo-os serenos, girando n»aquelle dedalo de caminhos enterrados como se estivessem n»uma parada de quartel, insensíveis ao perigo que nos ameaça em cada segundo» (*Portugal na Guerra*, nº1, p. 11).

É nesta heroicidade que os soldados portugueses são representados no discurso. Mais dados ao trabalho braçal, e menos à intelectualidade, igualam os ingleses na valentia um pouco inconsciente como o locutor a caracteriza:

Direi mesmo que para cavar e dar á bomba um portuguez valle bem dois ingleses. Quanto á sua serenidade sob o fogo, basta que registre o espanto de um sargento inglez, que não podia perceber como, na occasião do bombardeio, os nossos soldados sahiam dos abrigos para ir espreitar por cima dos parapeitos.

- « Para ver d'onde ellas vinham, meu capitão», explica-me um dos meus rapazes.

Um pouco de inconsciencia talvez, mas muita valentia afinal.

Portugal na Guerra, nº1, p.11

Mas esta serenidade e a displicência heroica face ao perigo caracterizam, de igual modo, ingleses e portugueses. O olhar do locutor insiste nesta trivialização da guerra que se revela uma constante em todos os atores envolvidos. Sentar-se “à chinesa” para escrever uma carta, enquanto um aeroplano “brinca” no ar, e usar um registo de língua coloquial (a “tchatice” da guerra) para a referir são formas de lhe negar a solenidade que a designação de “a maior de todas as guerras” convoca. Os exemplos seguintes documentam essa trivialização, no registo de língua adotado e nas atitudes displicentes que a situação de guerra lhes merece:

Apenas a artilharia grossa continua o seu duêto. Sobre as nossas cabeças passam silvando granadas (...). Um aeroplano inglez tenta voar sobre as linhas allemãs. Fazem-lhe uma barragem aerea e elle brinca, volta sobre as asas, sig-zagueia até voltar para tras. Faz calor e o captain senta-se à chineza sobre a cama e começa a escrever uma carta á que ha-de ser Mme G...

Portugal na Guerra, nº1, p.11

E' preciso ouvil-o dizer, com os seus olhos azues muito alegres, os seus trinta e dois dentes ao léo, que a guerra é uma tchatice.

Portugal na Guerra, nº2, p.10

Um tenente de ronda conta que as granadas cahiram em volta. Uma acertou n'um charco allí visinho e encheu-o de lama. Mostra-nos o seu uniforme todo salpicado. (...).

Maria Aldina Marques

Entrevisto a minha gente.

- « Ah! meu capitão! Eles mandaram ahi umas garrafas de litro; mas cá a gente não cortou prégo.⁸

Portugal na Guerra, nº 1, p.1

Pela porta aberta do abrigo, enquanto o sol escalda cá fora, passam soldados ingleses e portugueses e busco adivinhar as preocupações d'estes. Vejo-os serenos (...). Chamo um e outro. Que tal? Uns estiveram de noite na primeira linha e acabam de ser rendidos. Contam a rir as suas impressões, (...).

Portugal na Guerra, nº1, pp. 11 e 14

Quanto ao inimigo, secundarizado no discurso porque dele pouco se diz, é o desconhecido, por excelência. Globalmente referido como “boches”, está presente nos efeitos da atividade bélica, o “fogo alemão”, ou no espaço partilhado das trincheiras, como “os nossos vizinhos de frente”.⁹

3.3. Os tempos e os espaços da guerra

O tempo da enunciação é também o tempo da guerra em curso. O recurso ao presente do indicativo e a marcadores temporais de simultaneidade, para narrar e descrever a vida na frente, simulam uma relação *in praesentia* com o alocutário, que o locutor leva a seguir a guerra *pari passu*:

À nossa esquerda uma bateria, escondida n'um arvorêdo, riposta ao fogo allemão. A certa altura fazemos alto para colocar em posição as mascarar contra os gazes asphixiantes. Continuamos a marcha e não tarda que deixemos a estrada para seguir um caminho coberto á margem d'ela.

Portugal na Guerra, nº1, p.10

⁸ 'Garrafas de litro' e 'cortar prégo' são calão de guerra: «A quem ignore o portuguez da zona de guerra, direi que os projecteis são divididos conforme o tamanho em *barris de almude, garrafas de litro e copos de meio litro. Cortar prégo é ter medo.*» (*Portugal na Guerra, nº1, p.11*).

⁹ Mas a sua presença constante e ameaçadora pode inferir-se desta reflexão do locutor: «por uma estreita abertura vê-se o campo muito claro e lá adeante, a cem metros se tanto, a linha de trincheiras allemãs. Outras vidas alli palpitam, outros olhos nos espíam e nos esperam.» (*Portugal na Guerra, nº1, p. 11*)

Escritos de guerra. Narrar a guerra na 1ª Pessoa

Mas o tempo é indissociável do espaço da guerra. Na realidade, dois espaços físicos. Os espaços “interiores” dos aquartelamentos e das trincheiras, marcados pela precariedade e pela monotonia. Nos excertos seguintes, mais do que a descrição das trincheiras é o cansaço do espaço que a modalização avaliativa constrói:

E' então uma longa, interminável marcha n'um corredor onde só cabemos a um de fundo e que de cinco em cinco metros muda de direcção.

Portugal na Guerra, nº1, p.10

Estamos chegando á segunda linha e ahi os grupos vão ficando distribuidos pelos abrigos e pelos postos ingleses. Um dos meus pelotões segue para a primeira linha. Mais trincheiras sempre eguaes.

Portugal na Guerra, nº1, p.10

Os espaços exteriores contrastam com este negativismo. O locutor alonga-se em descrições da natureza, quase sempre luxuriante. É primavera plena, a natureza prossegue o seu ciclo, indiferente também ela aos distúrbios da guerra:

Cá fora da toca o sol está esplendido. Passaritos cantam no terra-pleno, soldados ingleses fazem a barba e nós oficiaes procedemos á nossa toilette.

Portugal na Guerra, nº1, p.11

Volta a impor-se a normalidade do quotidiano como um dos tópicos dominantes. Só o espaço urbano dá conta da devastação, passada, na referência constante a ruínas:¹⁰

A certa altura pergunta-me se quero sair da trincheira e ir fora do parapeito a um posto de observação collocado n'umas ruínas.

Portugal na Guerra, nº1, p.11

As nossas trincheiras serpenteiam através das ruínas do que foi uma pequena e linda cidade da qual não restam senão montes de pedra e de tijolo e algumas paredes ainda de pé...

Portugal na Guerra, nº1, p.11

¹⁰ Esta devastação será tema principal dos textos publicados pelo autor nos números 5 e 6 da revista.

Maria Aldina Marques

3.4. *A guerra como objeto de discurso. Processos de referenciação*

Do mesmo modo, a guerra e a morte são desfocadas no discurso. Para além de pequenas descrições visuais de aeroplanos que passam e de granadas que estalam perto, são sons de guerra, que o locutor torna presentes:

Apenas corta o silêncio de vez em quando o tic-tac sêco das espingardas e das metralhadoras.

Portugal na Guerra, nº1, p.10

Não. Este assobio não é de um melro. E' o silvo d'uma granada.

Portugal na Guerra, nº 2, p.10

Sobre as nossas cabeças passam silvando granadas...

Portugal na Guerra, nº 2, p.11

As referências à morte são breves e pontuais. O locutor adota um posicionamento distante, sem emoções. A escolha de uma perspetiva objetivante, em que o locutor se apaga para dar lugar aos factos, apresentados em estruturas paratáticas que geram um efeito de lista, confere-lhe o estilo de um relatório oficial. A transição abrupta para outro tópico rotineiro reforça essa secura emocional discursiva:

A madrugada foi agitada. Não sei que mosca mordeu os nossos vizinhos de frente. Sem que os provocassemos, sem que lhes fizéssemos o mínimo shraff, como se diz em calão de trincheira, enviaram-nos algumas granadas, matando um soldado português da companhia pegada á nossa, ferindo outro. Da minha gente só um homem teve um dedo levemente pisado por uma trave, que desabou. O morto foi recolhido a um abrigo. A noite o enterrarão. O estilhaço furou-lhe o capacete na junta da aba e entrou-lhe pela ténpora. O ferido não tem gravidade. Faço a minha última ronda.

Portugal na Guerra, nº1, p.14

Chega-nos a todo o galope da sua mula um chefe de carro a comunicar-nos que uma granada atingiu as viaturas que seguiam para o parque de transportes. Um morto, dois feridos de outra companhia portuguesa que partilha o nosso acantonamento e há-de partilhar o nosso sector. Começo a dividir e a ordenar a minha gente.

Portugal na Guerra, nº1, p.10

4. Considerações finais

A 1ª Guerra Mundial é a estreia de Portugal num conflito internacional. Num contexto político e social de grande instabilidade e crispação, a comunicação social tem um papel de destaque na propaganda governamental guerrista. *Portugal na Guerra* é um importante instrumento dessa propaganda e os escritos de guerra analisados reforçam tal orientação, criando uma cumplicidade ideológica a partir de um contexto global comum.

A 1ª Guerra Mundial foi, e continua a ser, posta em discurso em diferentes géneros e com diferentes objetivos. Os escritos de guerra são um modo particular de discursivização deste conflito mundial que entrelaça pontos de vista individuais com estratégias de propaganda nacionais. Por isso, sobressaem nestes textos alguns eixos de sentido fundamentais. Desde logo, os atores da guerra, em que o locutor se integra. A paisagem humana representada é idealizada, feita de heróis e cavaleiros. Sobressai, depois, senão a normalidade da paz, pelo menos a normalidade do quotidiano que todos os atores da guerra insistem em preservar, ou melhor, que o locutor assim representa. Se estas atividades quotidianas triviais têm a função interna de manter o espírito positivo das tropas, a sua representação discursiva tem, especificamente, a função externa de participar na propaganda de guerra, tranquilizando os portugueses.

Tais funções estruturantes do espaço e do tempo secundarizam a construção discursiva da guerra. Do conflito em si, de perigo constante, o locutor diz apenas o essencial, apagando da superfície discursiva qualquer marca de juízo valorativo.

A relação entre estas linhas de sentido, que percorrem os escritos analisados, traça a imagem da guerra, numa visão cavaleiresca, mas simultaneamente trivial, do conflito, que o torna aceitável pela opinião pública. A fotografia abaixo (fig. 1), reproduzida no nº 2 da revista pode ser lida como metáfora desse ambiente de normalidade na guerra ou de rotinas de paz:

Maria Aldina Marques



Figura 1: *Portugal na Guerra*, nº2, p.16

Bibliografia

- ADAM, J.-M., "Analyse textuelle des discours: niveaux ou plans d'analyse", *Filol. linguíst. port.*, n. 14(2), 2012, 191-202.
- BENVENISTE, E., *Problèmes de Linguistique Générale*, Tomo I, Paris, Gallimard, 1966.
- BENVENISTE, E., *Problèmes de Linguistique Générale*, Tomo II, Paris, Gallimard, 1974.
- CRUZ, H., *Portugal na Grande Guerra: a construção do «mito» de La Lys na imprensa escrita entre 1918 e 1940*, (Tese de mestrado), Universidade de Coimbra, Coimbra, 2014.
- HAILON, F., "L'énonciation dans les pratiques de l'hétérogène", *Tranel (Travaux neuchâtelois de linguistique)* 56, 2012, 119-134.
- KOCH, I., MORATO, E. & BENTES, A. (Org.), *Referenciação e Discurso*, S. Paulo, Contexto, 2015.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C., *L'énonciation. De la subjectivité dans le langage*, Paris, A. Colin, 1980.
- LIMA, H. & SOUSA, J., "A Grande Guerra (1914-1918): problemáticas e representações", Pereira, G., Alves, J., Alves, L. & Pereira, C. (Coord.), *A Grande Guerra (1914-1918): problemáticas e representações*, Porto, CITCEM, 2015, 283-297.
- MAINGUENEAU, D., *Analyser les textes de communication*, Paris, Nathan, 1998.
- MARCUSCHI, L. A., "Referenciação e progressão tópica: aspectos cognitivos e textuais", *Cad.Est. Ling., Campinas*, 48 (1), 2006, 7-22.
- MARQUES, I., *Das Trincheiras com saudade. A vida quotidiana dos militares portugueses na primeira guerra mundial*, Lisboa, A Esfera dos Livros, 2008.
- MARQUES, M. A., "Para uma análise linguística dos discursos. A heterogeneidade enunciativa como princípio ordenador da investigação", *Revista de Filologia Galega*, 2015, 107-121.
- MOIRAND, S., "Le dialogisme entre problématiques énonciatives et théories discursives", *Cahiers de praxématique* 43, 2004, 189-220.
- MONDADA, L. & DUBOIS, D., "Construção de objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação",

Maria Aldina Marques

Cavalcante, M. *et al* (org.), *Referenciação*, São Paulo, Contexto, 2003, 17-52.

MOURA, M. L., *Nas trincheiras da Flandres, com Deus ou sem Deus, eis a questão*, Lisboa, Colibri, 2010.

NOVAIS, N., *A Imprensa Portuguesa e a Guerra. 1914-1918. Os jornais intervencionistas e anti-intervencionistas . A ação da censura e da propaganda* (Tese de doutoramento), Lisboa, FCSH, UNL, 2013.

RABATEL, A., “Les apports de l’analyse des discours médiatiques: de l’interprétation des données à la critique des pratiques discursives et sociales”, *DACOROMANIA*, serie nouă, XVIII, n°1, Cluj-Napoca, 2013, 35–50.